

Sector industrial do CAIL

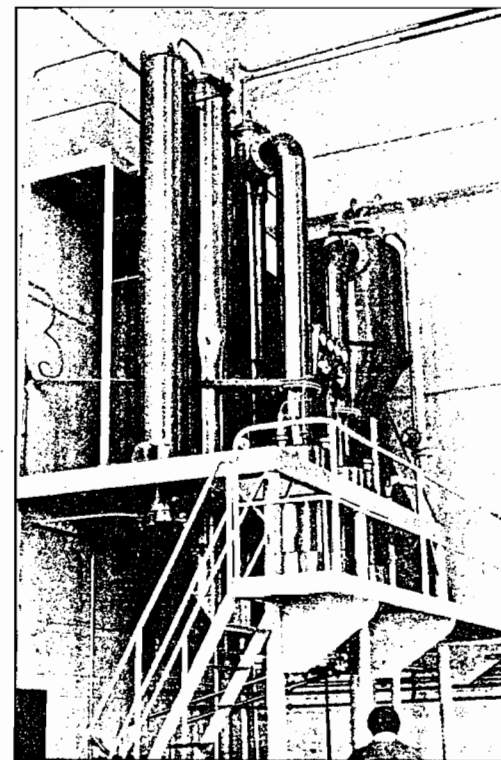
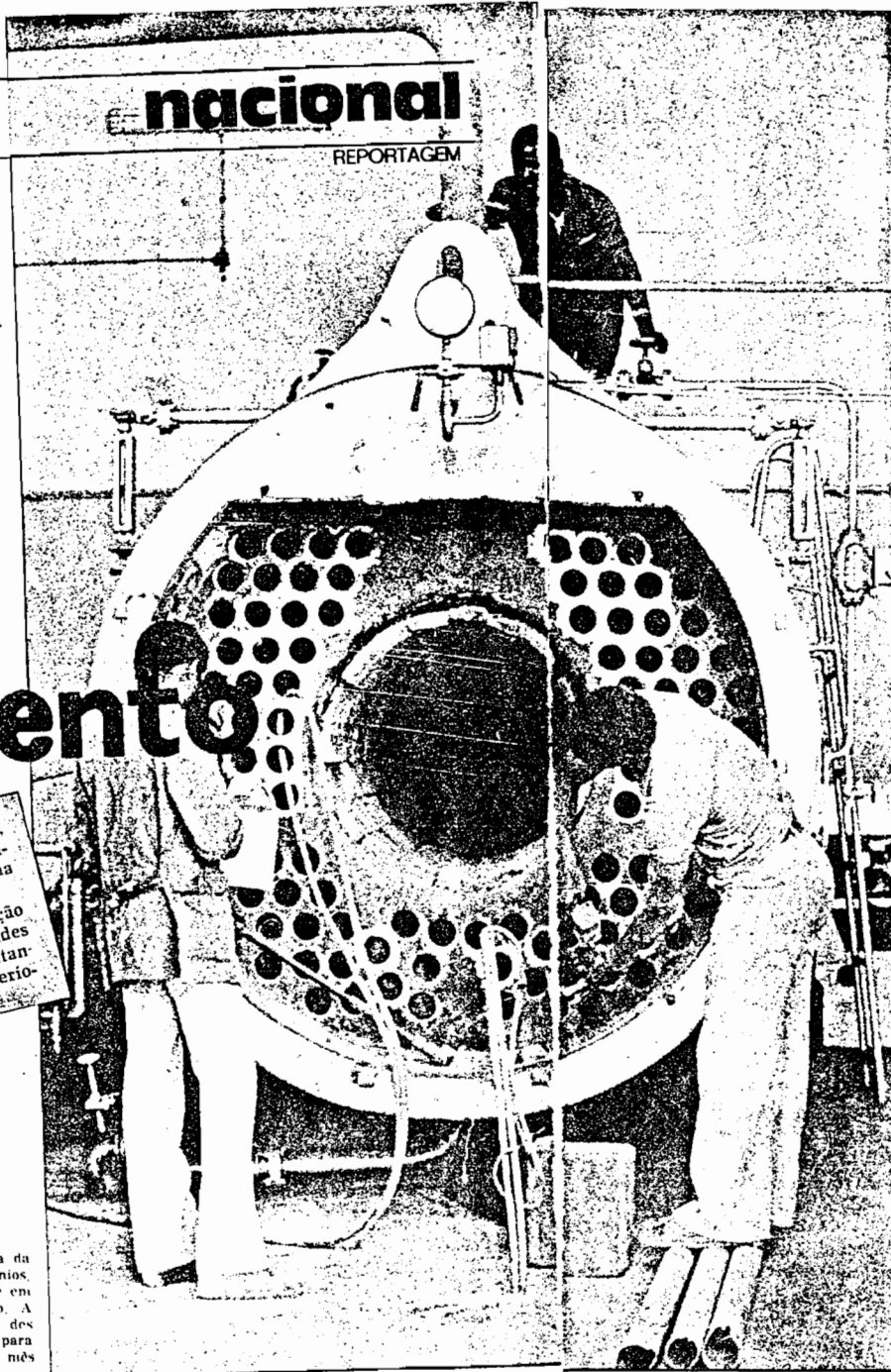
A luta pelo crescimento

A alfabetização, o desporto, a dança, a canção e a criação de creches para os filhos dos trabalhadores, faz nascer no CAIL uma nova atitude perante o trabalho, condição essencial para o sucesso da batalha económica.

A empresa, embora não tenha dado a atenção que seria de desejar à satisfação das necessidades espirituais dos seus trabalhadores, começa no entanto a envidar esforços, no sentido de promover períodos de lazer, úteis e salutar.

Texto:
Hilário Matusse
Fotos:
Alberto Muianga

A caldeira da
Fábrica de Lacticínios,
está presentemente em
reparação. A
conclusão des-
trabalho prevê-se para
daqui a um mês



A capacidade total instalada na fábrica, não tem sido cabalmente utilizada, por falta de matéria-prima

O Sector Industrial do CAIL, é um conjunto de fábricas integradas e dependentes, que se destinam a proceder à conservação e transformação dos produtos agro-pecuários daquele complexo.

Ele, é composto por quatro unidades, nomeadamente, Fábrica de lacticínios, Fábrica de salsicharia, Desidratação de forragens e Fábrica de concentrados de tomate.

Estas unidades, encontram-se quase todas paralisadas de momento, para remodelação ou reparação de equipamento, ou por falta de matérias-primas.

FÁBRICA DE LACTICÍNIOS

Esta unidade produz queijo, manteiga, leite pasteurizado, tendo como matéria-prima como é óbvio, o leite.

Está dividida em sete secções que são, a recepção de leite, pas-

teurização, queijo, manteiga, laboratório, armazém da fábrica e caldeira. Cada uma destas secções complementa as outras, funcionando com base numa interacção que exige de cada uma delas precisão e disciplina. Actualmente, conta com 20 trabalhadores distribuídos pelas já citadas secções.

A fábrica de lacticínios, tem deparado com problemas de falta de matéria-prima, em virtude da capacidade do sector Pecuário estar ainda aquém das necessidades de fabrico.

As pastagens e forragens para os animais cuja falta ainda se faz sentir resulta do facto dos terrenos onde esta cultura se processa estarem afectados pela salinidade e unidade, são alguns dos factores que determinam a baixa de fornecimento de matéria-prima essencial, que se vai repercutir no funcionamento da fábrica. Da ca-

pacidade de laborar 5 000 litros diários, o sector Pecuário dispõe apenas de capacidade para fornecer 4 500 semanais. Desde Maio último que a fábrica está completamente parada, em consequência da avaria verificada na sua caldeira, que funciona já desde 1964. A avaria, é devida ao rompimento da tubagem condutora de água. O responsável da fábrica, Mateus Macarringue, deu-nos a conhecer as perspectivas de melhoramento, em parte já iniciadas como sejam, a instalação de uma balança para pesagem do leite, a instalação de um registador de temperatura na pasteurização, e a colocação de prensas novas na secção do queijo. Ainda no decurso da nossa visita aquela fábrica, Luísa Daniel Mucavel, da secção de queijo, afirmou que há falta de queijo no mercado porque não há matéria-prima. Prosseguindo, explicou que seria desejo da fábrica abastecer todo o mercado nacional com queijo, — «mas, como podem ver, a nossa laboração fica aquém da total capacidade da nossa fábrica».

FÁBRICA DE SALSICHARIA

«A fábrica produz, chouriço, presunto, salsichas, fatias de presunto, orelhas com feijão, fígado e rins enlatados, merendas de carne, fiambre, linguiça e mortadela, esta última interrompida por falta de tripa para o efeito». — Assim começou a apresentação da fábrica Lucas Cuna, responsável adjunto da mesma. Prosseguindo, afirmou que a unidade era composta por cinco secções, matadouro, sal-preparação de fatias de presunto, preparação de tripa e caldeira respectivamente, pelas quais, estão distribuídos os 31 trabalhadores com que a unidade conta.

Esta unidade que dispõe de uma capacidade para abater 25 suínos por dia, está neste momento a trabalhar com a quantidade magra



Jorge Mabumo Boca, Director do Sector Industrial do CAIL, dialogando com a nossa reportagem

O equipamento para a produção de leite em pó, exteriormente ainda impecável, nunca foi utilizado se não para o ensaio. Mateus Macarringue, responsável da fábrica de lacticínios dá explicações sobre a secção e o equipamento que se mantêm parados desde a sua instalação em 1965

de 40 semanais, com todos os prejuízos que daí advêm para os planos estabelecidos.

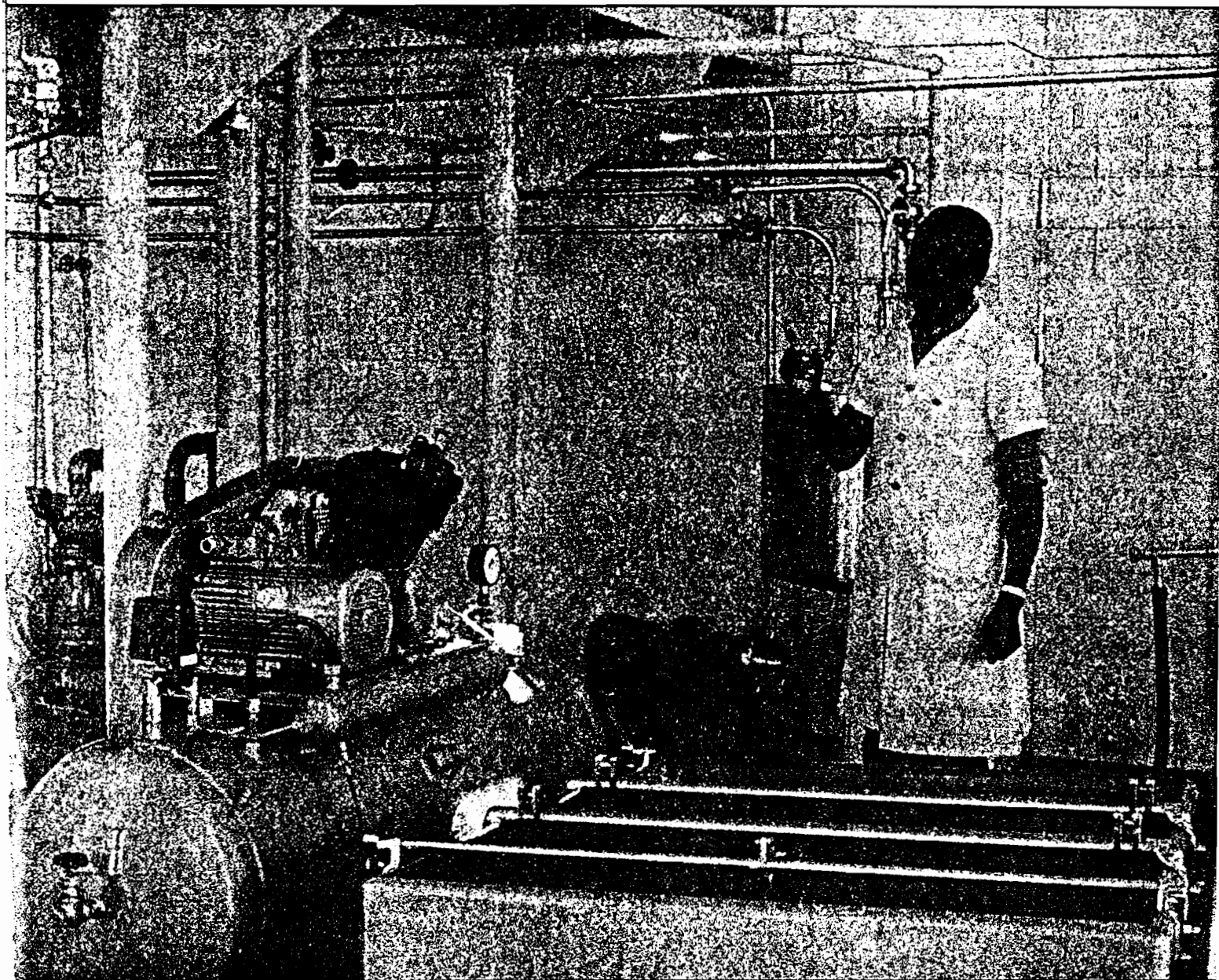
Porque o sector pecuário, não garante a satisfação das necessidades da fábrica em suínos, sua matéria-prima, a mesma recorre às cooperativas e criadores privados para se abastecer, sem no entanto conseguir perfazer as quantidades necessárias para a sua laboração racional. Neste momento, procede-se à ampliação das câmaras de frio, cuja capacidade começou a mostrar-se exígua em relação às perspectivas que se abrem. Com efeito, o sector pecuário envida esforços no sentido de melhorar o fornecimento de matéria-prima

àquela unidade, tendo prometido segundo declarou, Lucas Cuna. — «abastecer convenientemente a fábrica após as reparações em curso». — Ainda na perspectiva de alargamento da actividade desta unidade, vai ser incorporado gado bovino, no fabrico de enchidos.

DESIDRATAÇÃO DE FORRAGENS

Esta unidade transforma luzerna e milho para forragem de animais, no entanto, enfrenta actualmente, várias dificuldades entre as quais, a carência de revisão do equipamento que já data de há longo tempo. — «A manutenção





devia ser, a substituição de peças que no entanto têm de ser importadas da Itália» — declarou o director do Sector Industrial, Jorge Boca.

A substituição de peças genuínas por outras concebidas localmente, se bem que seja uma alternativa, por vezes provoca uma alteração em todo o sistema do equipamento, chegando a provocar a sua paralisação. Está entretanto em curso uma acção visando restaurar este sector. Sobre o assunto o director, Jorge Boca, afirmou — «Foi feita uma importação de emergência, que para além de melhorar a capacidade instalada vai reforçá-la».

FÁBRICA DE CONCENTRADOS DE TOMATE

Esta unidade que se encontra totalmente parada, é neste momento alvo de obras de beneficiação, procedendo-se nela a uma remodelação completa, com vista a dotá-la da capacidade de responder à vocação que lhe é conferida.

Ela, produz tomate em calda, massa de tomate e outros derivados que como se sabe são de muita procura. A fábrica encontra-se paralisada há um ano, daí a falta que se faz sentir actualmente de derivados de tomate, no mercado, prevendo-se no entanto que este problema venha a encontrar resposta,

logo que a unidade entre em funcionamento. Está já formada a empresa Hortil, resultante do aumento da capacidade industrial de processamento de tomate que conta com o apoio de técnicos Portugueses.

NUNCA FUNCIONOU SE NÃO PARA O ENSAIO

Durante a visita que a nossa reportagem efectuou às instalações da fábrica de lacticínios, pôde observar uma sala completamente equipada, e que havia sido instalada para a produção de leite em pó. Essa sala jamais funcionou no entanto, se não aquando da expe-

riência aí efectuada e que segundo explicações do responsável daquela fábrica. — «foi um sucesso». O seu equipamento, exteriormente impecável, foi instalado no ano de 1965 pelos então proprietários da unidade fabril. Soubemos porém, que não existe de momento possibilidade de se fazer uso de tal sala, uma vez que a matéria-prima actualmente fornecida à fábrica pelo sector pecuário, mal dá para as outras secções consideradas prioritárias. Sobre o assunto, o director do sector Industrial disse — «O leite em pó, é uma forma de conservação de leite. Actualmente, as quantidades de leite produzidas, não chegam para o consumo em fresco, nem para fornecer a indústria considerada prioritária».

DOTAR O SECTOR INDUSTRIAL DE QUADROS QUALIFICADOS

Este importante sector do Complexo Agro Industrial do Limpopo, tem conhecido um crescimento que obedece a toda uma dinâmica global do CAIL.

Este crescimento porém, não tem sido acompanhado pela doação àquele sector de quadros técnicos capazes de acompanhar essa dinâmica, o que torna pernicioso, a actividade deste grande sector em crescimento. O sector beneficiou há cerca de um ano de alguns quadros recém-formados, mas, numa imensidão como a que é o sector industrial do CAIL, ficaram absorvidos. Neste momento o CAIL precisa de quadros com qualidade e não em quantidade. Não obstante tamanhas dificuldades, o sector industrial do CAIL, palmilha as suas léguas sinuosas, inspirado porém, pela certeza de a pouco e pouco, ir desferindo golpes cada vez mais pesados a esse inimigo chamado, subdesenvolvimento.

Chókwè: De retiro de colonos ao futuro

Chókwè, uma cidade não tão pequena como se pode pensar. Está circundada por uma paisagem bela, sobretudo ao longo da estrada que nos traz de Maputo, precisamente na região denominada Lionde.

Chókwè esquece já em definitivo, o ataque cobarde que sofreu da soldadesca de Ian Smith, aquan-

do do seu regime na antiga Rodésia racista, tal como se esquece já o próprio Smith. Isto, está patente no semblante dos seus habitantes, cujo sorriso sempre presente, iguala uma estrela riscando o céu.

O dia-a-dia dos habitantes do Chókwè, é o dia-a-dia de trabalhadores corajosa e decididamente



Aqui funcionou outrora a Farmácia Guijá, cujas instalações, prateleiras e máquina registadora, começam com o correr do tempo a envelhecer

empenhados na luta pela transformação social, na qual cristalizam o seu pedaço, valioso contributo para o triunfo.

O CAIL, esse gigante que promete fazer do Limpopo um dos celeiros do País, encontra-se ali sediado, atraindo por isso ao Chókwè pessoas e delegações com as mais diferentes missões. Tudo isto, empresta àquela cidade um ambiente de amabilidade, simpatia e acolhimento que se distribui por cada um dos seus habitantes.

Chókwè, já não é o retiro dos colonos que povoavam o colonato de Limpopo, para onde iam relaxar as fadigas das duras tarefas do seu dia-a-dia. Não é mais ali onde os colonos experimentavam o delirante prazer dos rechonchudos seios das nossas irmãs feitas sem honra, feitas seu recreio. Chókwè é sim, o espelho do esforço pela transformação e é um espelho

cuja imagem reflectida traça uma longa trajectória, uma trajectória que vislumbra o futuro que o horizonte esconde.

A limpeza, os muros e pavimentos caiados, são o exemplo de uma cidade que se orgulha e se ama a si própria. Os trabalhadores da limpeza, ou seja, os varredores das ruas no Chókwè, fazem uma marcação cerrada a cada árvore, punindo a sua irreverência com a expulsão pontual da folha por aquela largada. O Chókwè é limpo e arrisco mesmo com um à-vontade, que são poucas as cidades que a ela se igualam neste aspecto. Há no entanto a observar, as redondezas do mercado local, que em contraste com o resto da cidade se apresentam bastante sujas, cobertas de cascas de tangeri-

nas e outras. É uma mancha que por mais pequena que pareça, porque num fundo limpo e claro, sobressai e facilmente se distingue. cremos que o Chókwè vai lavar aquela nódoa que mais não é senão o descuido do fiscal ou fiscais.

Conserva Chókwè apesar desta nódoa, um profundo dote de acolhimento, trazendo no entanto aos seus visitantes, uma aparente sensação de esquecimento, provocada pela velocidade e dinamismo com que os habitantes da mesma percorrem essa sua cidade num vaivém agradável de se ver e apreciar. Mais experimenta essa sensação, o visitante que depara com as dificuldades de alojamento que ali se vivem, pois, o único hotel ou pensão está neste momento em obras. Tendo em conta as dificul-



O Mercado do Chókwè, para além das cascas espalhadas em seu redor, pelo seu tamanho não consegue albergar todos os que a ele acorrem. Particularmente os que se dedicam ao artesanato acabam por expor os seus artigos no exterior



O dia-a-dia dos habitantes do Chókwè é o dia-a-dia de trabalhadores corajosos e decididamente empenhados na luta pela transformação económica e social

dades do País, entende-se, sem no entanto deixar de fazer falta uma solução que se impõe de certa maneira urgentemente. É preciso dotar o Chókwè de infra-estruturas que acomodem os seus hóspedes.

Outra coisa que se nos ficou, foi existir ali em frente aos escritórios do CAIL, infra-estruturas de uma farmácia de nome Guijá, que em tempos funcionou e que hoje apesar de ostentar ainda o seu reclame de identidade, e lá dentro bem fixada a máquina registadora, encontra-se num total abandono, começando já a deteriorar-se e privando os habitantes dos medicamentos tão pontualmente necessários como sejam a aspirina, o frasco de «Vicks» e outros.

Enfim, foram tantas as coisas que vi, tantas que me custa traduzir nestas modestas linhas, podendo apenas dizer que vi o Chókwè do futuro, o Chókwè que se constrói com a força do Socialismo.

Uma nova atitude perante o trabalho

A alfabetização, o desporto, a dança, a canção e a criação de creches para os filhos dos trabalhadores, faz nascer no CAIL uma nova atitude perante o trabalho, condição essencial para o sucesso da batalha económica.

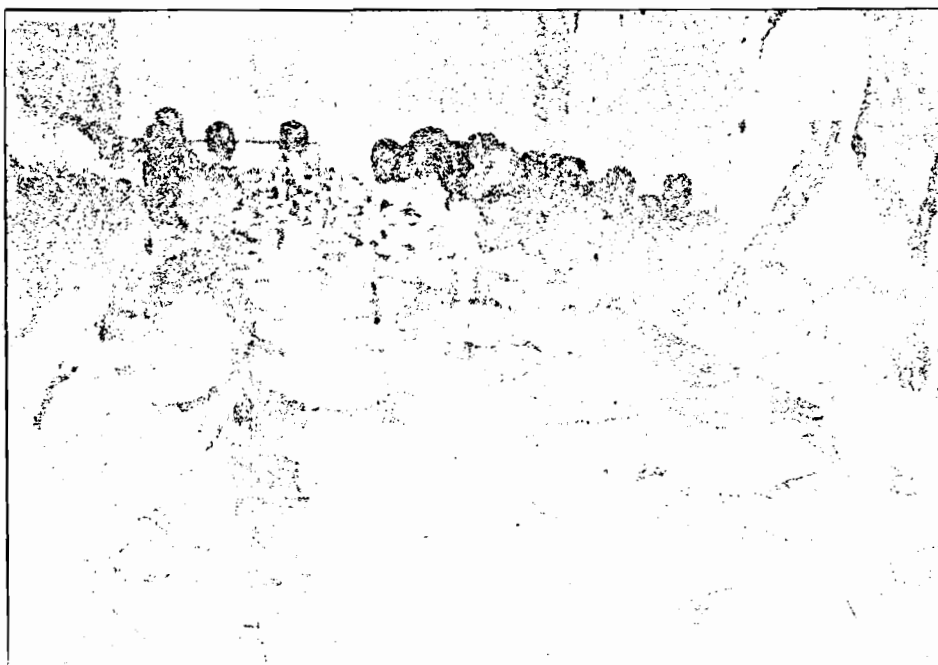
A empresa, embora não tenha dado a atenção que seria de desejar à satisfação das necessidades espirituais dos seus trabalhadores, começa no entanto a envidar esforços, no sentido de promover períodos de lazer, úteis e salutaros.

O melhoramento e elevação das condições de vida dos trabalhadores do CAIL, embora não como seria de desejar, tem merecido atenção por parte dos responsáveis daquela empresa.

Envidam-se esforços notórios em todos os sentidos, com vista a introduzir nos mesmos, hábitos novos, combater a superstição e do-

tá-los de conhecimentos mínimos que garantam uma consciência do valor e importância do seu trabalho, para a sociedade.

Para reposição das energias consumidas pelas oito horas de trabalho de cada turno, por ocasião das campanhas agrícolas, as filiais possuem uma cozinha que é abastecida pelo sector respectivo da



Crianças da Creche de Massavasse tomando a sua refeição. Os bons princípios e modos correctos, são patentes em cada gesto daquelas crianças

empresa, confeccionando e servindo refeições aos trabalhadores, durante os intervalos que intercalam os períodos de trabalho. Sobre o assunto, Justino Taelane da 4.ª zona da filial de Conhane disse: «Cada filial tem uma cozinha que serve os seus trabalhadores nos intervalos».

Prosseguindo, o nosso contacto com trabalhadores do CAIL, nas frentes de trabalho, José Covane Ubisse da 3.ª zona, afirmou: «O trabalho é árduo por isso, a co-

denar toda esta actividade um sector apropriado ao nível da direcção da empresa. Grande parte dos trabalhadores do CAIL, quando ali ingressaram, eram analfabetos. Hoje porém, a grande maioria já pode escrever o seu nome.

MASSIFICAÇÃO DO DESPORTO

A prática do desporto pelos trabalhadores do CAIL, para quem tal é inédito, constitui hoje, parte integrante do programa de vida de cada um. A prática de desporto

Estas modalidades, são praticadas pelos trabalhadores que realizam torneios interfiliais.

A falta de recintos para a prática do desporto naquela empresa, constitui uma dificuldade que no entanto tende a ser superada, mercê dos esforços em curso.

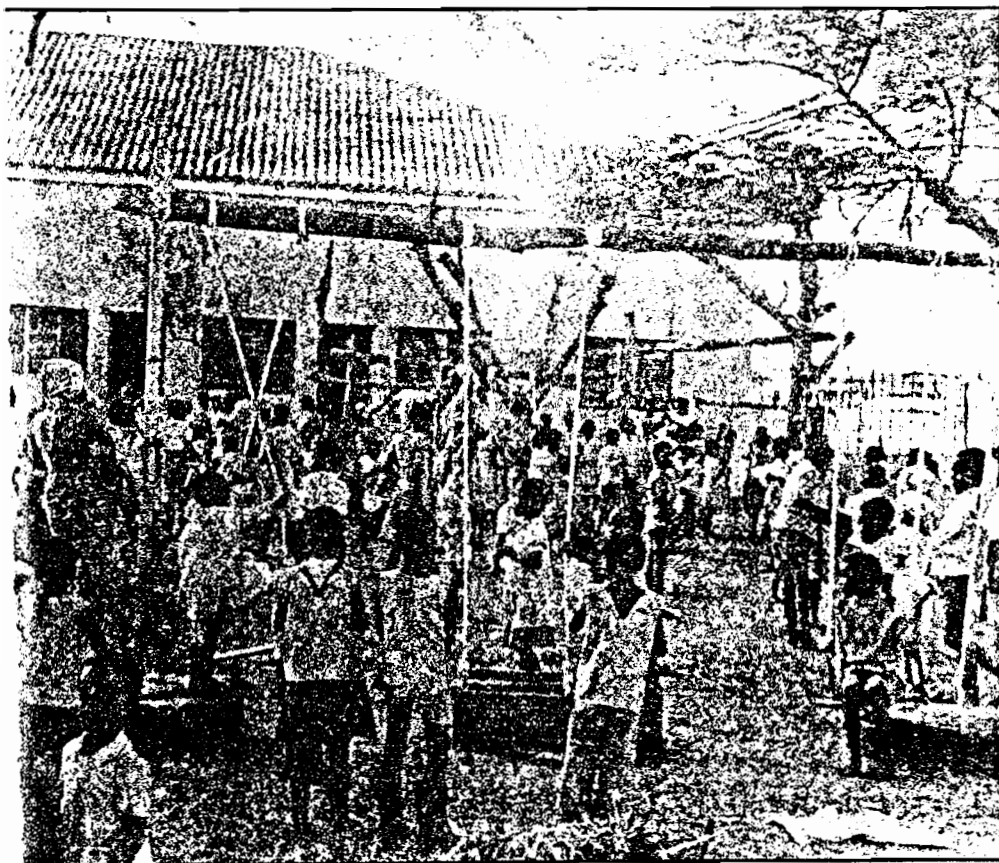
Para além do desporto, grupos culturais de dança e corais, existem nas filiais, onde se executam as danças de Makwayela, Massessa e Ngalanga. O transporte da empresa garante aos trabalhadores as deslocações no quadro do desenvolvimento destas actividades.

GARANTIR O FUTURO DOS FILHOS DOS TRABALHADORES

Com vista a garantir um futuro melhor, o CAIL empreendeu já uma acção junto aos filhos dos seus trabalhadores. Assim, existem actualmente no CAIL, duas creches, sendo, Josina Machel em Chilembene e 1 de Junho em Massavasse.

Naquelas instituições sociais, as crianças aprendem novos hábitos como, dormir a horas certas, tomar refeições também a horas certas, desenhar, cantar e recitar individual e colectivamente. Cultivam o espírito patriótico e o amor ao trabalho. Desenvolvem no seu dia-a-dia altos valores morais que provocam no seio da família uma transformação nos hábitos e atitudes, ainda que ligeiros. Neste momento, existe o plano de criar instituições idênticas em Chiguidela, Matuba, Lionde e Conhane.

Desta louvável iniciativa, o CAIL e o País inteiro, vêem crescer o melhoramento de vida daqueles camponeses que se transformaram em operários agrícolas, reforçando o grande exército do operariado moçambicano, e vêem nascer e cultivar-se uma nova atitude, perante o trabalho. □



Nas creches do CAIL, os filhos dos trabalhadores aprendem a cantar, desenhar e recitar colectivamente. Cultivam o espírito patriótico e o amor ao trabalho, valores nos quais são educados diariamente

zinha da filial serve-nos bem, para podermos trabalhar».

A par do crescimento do Complexo, maior exigência se impõe a cada trabalhador, que para corresponder a esta dinâmica, diariamente se engaja, e cada vez com mais entusiasmo na alfabetização. Todas as unidades que compõem o complexo, dispõem de centros de alfabetização, existindo para coor-

por aqueles, na melhor das hipóteses cingia-se ao futebol não enquadrado, e sem que essa prática fosse sistemática e regular.

A integração de quadros novos no CAIL, especialmente jovens com o hábito da prática desportiva, veio dar um impulso, para além de introduzir outras modalidades, como o basquetebol e voleibol.